



Agroecologizando o Brejinho: ressignificando a luta pelo verde e pelas águas a partir da força das Juventudes e das Mulheres

Lívia Silva Pereira¹; Ghiulia Cabral Martins²

Resumo: O Parque Ecológico do Brejinho, em Belo Horizonte, se encontra em um território conflituoso, marcado pela especulação imobiliária, vulnerabilidade social, falta de poder na opinião da comunidade local, entre outros problemas. Nesse sentido, estudantes, coletivos e moradores dos bairros do entorno, formaram o Agroecologia no Brejinho, grupo fortemente protagonizado por jovens e mulheres, a fim de proteger, cuidar e ressignificar o espaço. Atualmente, estão sendo realizadas atividades de construção de um Sistema Agroflorestal e diálogos sobre Educação Ambiental Crítica.

Palavras-chave: Juventudes; Agroecologia; Agricultura Urbana.

Contexto

O Parque Ecológico do Brejinho está localizado no município de Belo Horizonte, na região da Pampulha no bairro São Francisco e apesar de ter sido oficializado como Parque pela prefeitura em 2007, estava em estado de abandono, mesmo contendo nove nascentes de água e área verde. O espaço, berço de tantas águas, tem sido fortemente impactado pela expansão urbana desenfreada, que suprimiu nascentes e provocou a contaminação das águas. O Parque do Brejinho se encontra em um território conflituoso, marcado pela especulação imobiliária, alto número de pessoas em situação de rua no entorno, vulnerabilidade social, atravessamento por projetos de urbanização e falta de poder na opinião da comunidade local. A área encontra-se em estágio de degradação avançado com solo exposto e compactado ao redor do Córrego São Francisco e nas proximidades das nascentes.

O município de Belo Horizonte, intensamente urbanizado e desigual, é marcado por vários movimentos sociais de resistência em defesa das águas e áreas verdes, como o Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu (COMUPRA), movimento do Parque

¹ Graduando em Ciências Socioambientais pela UFMG. Estagiária na Diretoria de Fomento à Agroecologia e Abastecimento da PBH. Voluntária no Grupo AUÊ!/UFMG

² Mestranda em Geografia e Graduada em Ciências Socioambientais pela UFMG; Pesquisadora no AUÊ! Estudos em Agricultura Urbana; Bolsista CAPES.



Lagoa do Nado, Parque Jardim América, Córrego do Capão, Mata do Planalto, entre outros, muitos deles em espaços transformados em parques. Com a popularização da agroecologia e as políticas públicas do município de fomento à essas práticas, têm crescido o número de experiências que associam essa luta com a prática da agricultura urbana e agroecologia, como é o caso da experiência Agroecológica no Brejinho, mobilizada pelo grupo TABOA (Transformação Agroecológica no Brejinho e Outros Ambientes).

Sua proximidade com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) propicia uma aproximação histórica de discentes e docentes ao Parque, seja como mero local de passagem, como espaço de lazer, como também em atividades em atividades de pesquisa, a mobilização e atuações diversas na defesa do Parque. Isso foi fator importante para a aproximação das juventudes no movimento.

Histórias do Brejinho - A experiência de Juventudes e Agroecologia

A luta pela criação do Parque Ecológico do Brejinho possui quase 25 anos de história, que incorpora diferentes vivências, acontecimentos e agentes importantes que levaram às conquistas já alcançadas e as que ainda são metas. Com o intuito de levantar histórias e informações que marcaram a trajetória de construção e proteção do parque, o AUÊ! Estudos em Agricultura Urbana do Instituto de Geociências da UFMG, grupo de pesquisa-ensino-extensão e Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA), iniciou em 2021 o projeto de extensão “Tramas comunitárias para educação ambiental e produção de sistema agroflorestal no território do Parque Ecológico do Brejinho”. Este relato foi escrito a partir das sistematizações da história do Brejinho, realizadas através das atividades de extensão do projeto, do qual a relatoria gráfica que se segue é produto (Figura 02).

A luta pela criação do Parque do Brejinho tem seu marco de início em 1997, quando a Escola Municipal Aurélio Pires se juntou a Associação Comunitária e comunidade de seu entorno na mobilização em defesa do Parque, estabelecendo atividades contínuas e requisitando demarcação da área e orçamento participativo. Essa luta passa por diversos



processos institucionais, envolvendo audiências, reuniões, visitas técnicas e o envolvimento de diversos movimentos, atores e grupos. Entre as inúmeras promessas de implantação do Parque, mesmo com orçamento participativo conquistado, seu projeto foi atravessado pela construção de uma Bacia de Detenção, com a justificativa de reduzir alagamentos no Aeroporto da Pampulha, que provocou uma intensa degradação às margens do córrego São Francisco e um enfraquecimento da luta.

Nos últimos anos nasceu um novo/antigo movimento no Parque, que veio unir forças, reanimar a luta e ressignificar a atuação no espaço. Em uma confluência entre lutadores/as históricos/as do Brejinho, alunos/as da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em sua maioria do curso de Ciências Socioambientais, e apoio técnico e de insumos pela equipe da GEFAU/PBH (Gerência de Fomento à Agricultura Urbana da Prefeitura de Belo Horizonte), em março de 2019, surgiu o movimento Agroecologia no Brejinho. Com a intenção de promover a ocupação, transformação e revitalização do espaço a partir da agroecologia e ação coletiva, o projeto se inicia e se desenvolve na implantação e manutenção de um Sistema Agroflorestal (SAF), construído e manejado a partir de mutirões, bem como na atuação agroecológica no parque por meio de outras ações. É um novo e antigo movimento ao mesmo tempo, pois o que é feito não vem de hoje; as práticas da agroecologia e o trabalho por meio de mutirões é algo antigo, ancestral, ainda vivo na memória de muitos que frequentam o Parque. Ainda, o território que hoje é o Parque do Brejinho, a não muito tempo atrás, era espaço de cultivo de alimentos, pesca e criação de animais.

Entre os movimentos que impulsionaram a atuação agroecológica no Parque e conectaram muitos dos que têm chegado, vale citar a formação no curso Trilha da Agroecologia, promovido pelo Centro de Referência em Segurança Alimentar – Mercado Popular da Lagoinha (CRESAN-MPL), dentro das ações da Secretaria de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania por meio da Subsecretaria de Segurança Alimentar e Nutricional (SUSAN). O curso tem como objetivo promover a qualificação multiplicadores e promotores da agroecologia, e o impulsionamento da iniciativa no Brejinho apresenta o



potencial da formação em agroecologia e da retroalimentação de movimentos vindo da institucionalização da agricultura urbana.

Resultados e Discussões

Levantando as bandeiras da agroecologia, direito à cidade, proteção das águas e acesso às áreas verdes, o movimento tem sido impulsionado e protagonizado por mulheres e juventudes da UFMG e de diversos outros movimentos, que para além do cuidado com o solo e com o espaço, reforçam a atuação política de luta, o diálogo de saberes, a articulação com outros movimentos, a comunicação popular e a educação ambiental crítica. Assim, os mutirões e demais encontros são sempre espaços de trocas de saberes, de afeto, de conexão com a terra, de celebração, de cultura, de luta, sempre construídos nas diversidades, de gênero, geração, raça, classe, trajetórias, o que enriquece mais ainda o movimento. A agroecologia no Brejinho traz o verde e colorido em meio ao cinza do concreto, quintal coletivo onde se planta e cultiva para crescer alimentos, práticas, relações e pertencimento.

Para além dos mutirões algumas das atividades mobilizadas pelo movimento são atividades de rega do SAF, planejamento, elaboração de projetos, reuniões com outras organizações, plantios em outras áreas do Parque, reivindicações à gerência do Parque, ações de educação ambiental, comunicação por meio das redes sociais e mais recentemente a compostagem de resíduos orgânicos. Alguns conflitos e desafios atravessadas pelo coletivo na consolidação do trabalho coletivo são: precariedade e quantidade insuficiente de ferramentas; trabalho voluntário flutuante, alguns mutirões com mais de 60 pessoas, outros com 5, muito agravados no contexto de pandemia; conflitos, principalmente em relação a comunicação com a Gerência do Parque, que em algumas ações atravessa os projetos do movimento e da comunidade sem diálogo; como também a água para rega, que foi uma conquista demorada e que ainda é dificultada pela baixa pressão do registro e mangueiras precárias.

Em 2021, alguns avanços importantes têm reacendido a esperança e ânimo na luta pelo Parque, em meio ao enfraquecimento provocado pela pandemia. Entre eles os mais



expressivos foram o, finalmente, início das Obras de Implantação do Parque, depois de mais de 15 anos de aprovação do orçamento participativo, muito pela maior visibilidade que o Parque têm tido com o movimento e diálogo com sua gestão oficial, que é a Fundação de Parques e Zoobotânica (FPZB), e o Projeto de Extensão do AUÊ!, já mencionado.

Figura 01: Relatoria Gráfica ‘Histórias do Brejinho’



Fonte: Elaborado por Lívia Silva e Júlia Dias no encontro promovido pelo Projeto de Extensão no Brejinho “Tramas comunitárias”, 2021.



Considerações finais

A consolidação do SAF tem permitido a troca e o aprendizado agroecológico por todos os envolvidos em sua construção. A agricultura urbana se apresenta nesse contexto dando um outro caráter para a área verde na cidade, que vai além do lazer e paisagismo convencional, aproximando pessoas e coletivos com um objetivo comum, promovendo a troca de experiências e conhecimentos, e permitindo o cultivo de alimentos e plantas funcionais em áreas públicas. Já as atividades de Educação Ambiental Crítica tem buscado estimular a consciência ambiental em diálogo com a questão urbana, como a importância das águas e áreas verdes na cidade, a gestão de resíduos domésticos, fertilidade do solo e sua produção, territórios em disputas, entre outros.

Ao analisar a experiência, percebemos uma troca intergeracional entre os membros do Agroecologia no Brejinho, os/as moradores/as dos bairros do entorno, majoritariamente mulheres, que acompanham a luta desde 1997, contam as histórias e ensinam sobre os processos do parque, além de compartilharem saberes e tradições agrícolas, enquanto as juventudes, chegam nos últimos anos reoxigenando o movimento, apresentando novas ideias e possibilidades. Outro ponto a se destacar é a relevância das mulheres no processo. O protagonismo feminino é notável desde o começo da luta pelo parque, e hoje prevalece, sendo que as principais lideranças do movimento são jovens mulheres.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os lutadores e lutadoras do Brejinho, os mais velhos e os mais novos no movimento. Agradecimentos à CAPES e ao AUÊ! Estudos em Agricultura Urbana. Agradecemos também o apoio sempre presente da equipe GEFAU - SUSAN/PBH.